

MARCIO DE OLIVEIRA MONTEIRO

AVALIAÇÃO HOLÍSTICA:

UM REPENSAR SOBRE A EDUCAÇÃO EM ATOS

Editora RECANTO das LETRAS

MARCIO DE OLIVEIRA MONTEIRO

AVALIAÇÃO HOLÍSTICA:

UM REPENSAR SOBRE A EDUCAÇÃO EM ATOS

Editora Recanto das Letras

MARCIO DE OLIVEIRA MONTEIRO

AVALIAÇÃO
HOLÍSTICA:

UM REPENSAR SOBRE A EDUCAÇÃO EM ATOS

Editora RECANTO das LETRAS

© Marcio de Oliveira Monteiro

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Marlívia Rocha Pontes e Denilza da Conceição Rodrigues
Diagramação: Michael Vasconcelos
Imagens: Depositphotos
1ª edição – novembro de 2019

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Monteiro, Marcio de Oliveira
Avaliação holística : um repensar sobre a educação em atos /
Marcio de Oliveira Monteiro. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2019.
188 p.

ISBN: 978-85-7142-062-5

1. Educação 2. Aprendizagem 3. Estudo e ensino I. Título

19-2207

CDD 370

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação

AGRADECIMENTO

Quero aqui agradecer aos meus familiares pelo companheirismo na angustiada e desafiadora tarefa e de modo muito especial a minha mãe, Erany, pelo incentivo; minha esposa, Denilza, pela tolerância, colaboração e participação no olhar crítico dos textos e a meu filho, João Gabriel, que passou a ser fonte de inspiração, ao pensar e propor uma Educação mais centrada no Ser Humano.

À companheira Maria Alda Bastos de Paula Fonseca que de modo carinhoso aceitou o desafio de elaborar o prefácio desta obra e à Marlívia Rocha Pontes que foi capaz de dividir seu tempo para atender a este chamado sem considerar o árido e intenso trabalho exigido para a correção dos textos abordados e tratados nesta obra “revolucionária” em que se propõe a discussão do Ser Humano sobre e a partir do Avaliar Holístico da construção pedagógica do educando.



SUMÁRIO

1º ATO	
Repensando a educação em atos	16
2º ATO	
O holon	24
3º ATO	
Os 4 pilares da educação	33
4º ATO	
Entre expectativas e o dever do educador	51
5º ATO	
Quem é o avaliado no processo	58
6º ATO	
Qual a finalidade da escola	72
7º ATO	
A motivação como pilar significativo para a aprendizagem	80
8º ATO	
Profissionais religiosos sem religiosidade	106
9º ATO	
Relações interpessoais: gestor x aluno	112
10º ATO	
A humanização do processo avaliativo	136
11º ATO	
A ética no processo de formação do aluno - cidadão	163
Referências bibliográficas	179

PREFÁCIO

Com alguma surpresa recebi de Marcio a incumbência de prefaciá-lo este seu segundo livro.

Marcio pertence a ACIL – Academia Itaperunense de Letras e creio, sinceramente, que entre tantos acadêmicos, encontraria alguém mais a altura da grande honra que este convite representa, bem como da responsabilidade de não possuir eu, a verve erudita, poética e brilhante que este trabalho está a merecer.

Realmente certas atitudes causam-nos impactos pela preocupação, pela emoção e pela responsabilidade, mas, corajosamente, aceitei por considerar a trajetória do Marcio instigante e provocadora e isto faz com que desperte em nós o desejo de conhecer mais em profundidade os seus ideais e ideias, suas sugestões e esperanças de que algo mais transcendente e humano venha a ser considerado na escola, na aprendizagem e na avaliação dos educandos. Assumindo este convite deparei-me com uma obra abrangente e que foi elaborada por um autor vocacionado, que desvenda e revela uma vivência profissional sempre envolvida nos meandros da educação.

Foi assim que, ao receber o seu segundo livro – Avaliação Holística: um repensar sobre a educação em atos, percebi que o autor expressa e confirma seus gostos, preferências, convicções relacionadas com o processo de avaliação na área da educação, reconhece os obstáculos, sente interferências com alguma decepção, mas argumenta e reforça o valor da compreensão e das buscas afetivas na expectativa de um resultado que seja justo e real.

A diversidade humana é incrível e o olhar ou o foco simplesmente visual sobre cada ser não pode alcançar os resultados futuros. Previsões sobre o educando tendo por base suas características pessoais, as aparências, comportamentos, deficiências podem, ou quase nunca, corresponder com a verdade ou o futuro real. Haja vista a foto encantadora de Adolf Hitler, no 4º Ato, meigo, tranquilo... aparentando timidez... vindo a se transformar no

líder vaidoso e cruel que usou sua inteligência conduzindo a uma guerra de extermínio que ficou na História. Quem poderá avaliar com os olhos quaisquer expectativas com respeito a um ser em formação e em que ele se transformará?

Justifica-se, assim, o interesse do autor em mergulhar no trabalho de revelar as suas convicções neste novo livro com o mesmo e empolgante assunto, transformando-o numa sequência do primeiro. Podem ser lidos separadamente, mas são entrelaçados pelo desejo transcendental de ver o outro (no caso, o aluno) fora da rotina massacrante das atividades avaliativas uniformes, num sistema social engessado e completamente sem generosidade.

Senti-me imensamente honrada, repito, ao ser solicitada para prefaciar este livro. Fiquei meditativa por um tempo procurando ler, admirar a sua intencionalidade em transformar o processo avaliativo em um grande espetáculo teatral onde, através de Atos, chegasse a um final conclusivo e convincente.

Na sequência dos 11 Atos vai repensando o complexo processo avaliativo, os pilares da educação, focalizando sempre o ser humano, o valor da arte e da poesia ocupando espaços, a preocupação do APRENDER A VIVER JUNTOS; enfim, as expectativas e os dons do Educador. Gradativamente cada Ato vai aprofundando e revelando os problemas e as sugestões para superá-los; os desafios e necessidades de inovações para eliminá-los e entrelaçá-los.

Conheci e admiro o professor e jornalista Arnaldo Niskier que afirma “não existir significado exclusivo para a educação. Seus princípios variam conforme a época, o lugar, as circunstâncias, a concepção ideológica e política de um momento”. Refletindo sobre esta afirmação, Marcio me fez recuar no tempo da faculdade quando a conceituação sobre educação assumia formas diversas movidas pela necessidade de preparar o homem de acordo com certos e determinados momentos. Podemos assim lembrar Platão, Aristóteles, Sócrates, este último que considerava a educação como função social do indivíduo, como as ideias eram disseminadas e o modo como poderiam modificar a sociedade e não como brilhantismo pessoal. Faço essas citações porque Aristóteles principalmente, questionava o obter respostas definitivas em tempos de incertezas e dúvidas como os que enfrentamos hoje. Foi assim que considerei oportuno incluir aqui o conceito que faço do autor deste livro em seus questionamentos: Como educar para os novos tempos?; Como

avaliar o aluno e o aprendiz?; Qual o maior comprometimento: a formação integral do homem letrado ou do cidadão capacitado e realizado na sociedade onde vive?

O sonho de uma Escola Holística iria preencher a lacuna pedagógica, às vezes perversa, e teria o olhar contendo um enorme diferencial, pois saberia lidar com os assuntos críticos que confrontam menos deficientes e mais deficiências, enfatizando sempre o olhar transcendental sobre o educando, o ser humano que vem sendo robotizado com os avanços tecnológicos.

Conheci o Marcio em 2002 quando, na saída de uma reunião do Conselho Municipal de Educação presenciei um grupo de professores da SEMED debatendo sobre o CONAE e chamou a minha atenção um jovem, único do sexo masculino, argumentando e impondo suas opiniões calorosamente, com entusiasmo e segurança. Tempos depois, abrindo vaga no Conselho Municipal de Educação de Itaperuna, onde atuei por 20 anos, Marcio candidatou-se e foi eleito conselheiro. A partir daí, nosso convívio foi permanente e ficaram evidentes seus dons para pesquisas e redação nas diversas normatizações necessárias. Vibrava quando lhe era dada a incumbência de redigir e, às vezes, até se antecipava às solicitações a serem determinadas e necessárias. Era evidente sua vocação literária.

Lançou e distribuiu generosamente o seu primeiro livro - Avaliação Holística: uma discussão para além do visível, abordando de forma criativa talvez com a intenção de provocar debates (eu creio) quanto a maneira de ver o aluno e tratá-lo de forma diferente, ultrapassando as fronteiras do preconceito, da homogeneidade, das exigências normativas, com a esperança de que alguém ou alguns compreendessem a maneira de perceber algo mais além das avaliações regulamentadas. E motivado, apresenta-nos agora este novo livro onde procurei me inteirar dos seus propósitos na abordagem criativa de esclarecer e defender a Avaliação Holística: um repensar sobre a educação em atos.

Como é difícil apresentar sinteticamente em um prefácio esta obra do Marcio! Somos tentados a comentar cada Ato separadamente, pois cada um deles nos provoca reflexões e até mesmo conflitos. Vão se entrelaçando entre o convencimento sobre o conhecimento do significado holístico - Holon, aos diversos aspectos a serem levados em conta numa autêntica avaliação. É uma sequência que não esquece o afastamento da família da escola; o drama da

inclusão e da reprovação; o conceito material e matemático e não as potencialidades. São convincentes a introdução de inúmeras passagens bíblicas protagonizadas pelo Mestre de Nazareth com decisões de caráter holístico e resultados surpreendentes, plenamente aplicáveis nos dias atuais e quanto mais se lê mais vontade tem-se de comentá-las e admirar seus sonhos e expectativas. Quantas sugestões!; Quantas ideias!; Reais?... Utópicas?; Possíveis?; Questionáveis?; Ousadas?...

No 3º Ato ele nos emociona ao afirmar que a “vitória é questão de tempo para aquele que busca se capacitar e se superar a partir do encontro consigo mesmo”.

Prezado Marcio, nos 10 anos de nossa convivência você teve sempre a distinção de me chamar de Mestre. Eu hoje quero inverter esse tratamento, pois você é quem deve merecê-lo pelo trabalho profundo e ousado que vem desenvolvendo sobre a Educação Holística e, principalmente, por esta apresentação instigante da Avaliação Holística.

Para atender ao seu pedido, neste prefácio fui até um pouco prolixa porque li e reli os Atos com o coração e mente da professora que viveu 50 anos de atividades sempre sentindo vontade de lutar pelas mudanças que julgava serem necessárias para a qualidade do processo educacional. O imenso rol de legislações expedidas em nível superior costuma ser propostas magníficas no papel, mas que jamais foram realizadas ou ajustadas às nossas realidades.

Encanta-me constatar que não comercializa seus livros. São doados, presenteados com a esperança de que seus leitores consigam absorver a essência que exala da sua necessidade de que o educando seja tratado como um ser humano racional, mas constituído de corpo e alma imortal. É este o conceito holístico, transcendental que no conjunto dos Atos você vai consolidando. E ao concluir com brilho o 11º Ato, aborda a Ética que é a chave mestra para acionar a cortina do palco onde foi apresentado, como uma apoteose, o grande espetáculo da Avaliação Holística: um repensar sobre a educação em atos.

Obrigada, Marcio, por sua amizade e tão especial consideração.

Maria Alda Bastos de Paula Figueira

APRESENTAÇÃO

O ano de 2015 foi marcado pela publicação do primeiro livro de uma série que espero que aconteça, cujo título é “Avaliação Holística: uma discussão para além do visível”. Tal obra me permitiu questionar e, ao mesmo tempo, analisar movimentos históricos/sociais caracterizados pela influência negativa, emanada de um Sistema de Educação brasileiro padronizado e elitizado, os quais acabaram por influenciar e marcar significativamente o pretérito educativo-educacional do homem, influenciando, em muito, na sua formação.

Desse plano, passei a querer enxergar a avaliação, enquanto processo, por meio de um olhar mais humanístico, preconizado pelas licenciaturas, característica peculiar dos cursos fundamentados na formação de profissionais para a Educação.

Para tanto, trago no conjunto da obra a leitura empírica do mundo do qual tive o privilégio de compartilhar e me educar, sem medo ou receio de me tornar simplório demais aos olhos daqueles que trazem nos seus, o argueiro sem conseguir enxergá-lo. Mas, convicto do meu papel social.

Dessa maneira, continuo como ocorrido na primeira publicação: comprometido com a produção independente, em nome de uma liberdade de expressão divulgada no mundo democrático nem sempre aceita plenamente pelas empresas que fomentam o mercado gráfico nacional. Por isso, trata-se de uma obra independente e que paradoxalmente espera ser um grande livro sem ser grande, no sentido de permitir novas reflexões e ideias.

Outrossim, não quis buscar alianças para que minha voz pudesse ter eco, sem melindres, sem que barreiras ideológicas pudessem levar-me a imaginar a poda, a opressão, a miséria da inteligência sórdida que se prostitui por não querer pensar.

O que esperar desta obra? O que alcançar por meio destes Atos? São questões sensibilizatórias e de grande caráter pedagógico de formação as

quais contribuem para promover uma discussão científica sobre as problemáticas apresentadas de maneira consolidada, de base também empírica. Espera-se entender e repensar a Educação ou, ao menos, parte dela por meio de Atos aqui definidos como cada uma das partes em que dividimos uma peça cujo título maior é a Educação.

Avaliação Holística: um repensar sobre a educação em atos trata-se de um espaço reflexivo, pedagógico e humanístico que objetiva de modo macro compreender a importância da educação e da formação do Ser Humano dentro de uma expectativa humana, sem a qual não me permite acreditar em uma transformação moral/espiritual e, por extensão, uma melhoria da sociedade a partir do profissional da educação.

Metodologicamente, ela se destaca pelo enfrentamento desprezioso de desafiar o diálogo sobre temas que são desconsiderados, ou de menor importância, para os profissionais da educação envolvidos no processo de formação do ser humano.

Assim, a relevância da obra encontra-se na própria obra, nas provocações reflexivas que fará sobre a razão de existir. Mostrará, ainda, o papel do profissional da educação em um mundo tecnológico, além de permitir imaginar um ambiente escolar respeitado, como célula social de formação e preparação do Ser Humano Integral e integrado aos espaços sociais.

De modo algum, espero enxergar aqui um livro acabado, pois seria louco em afirmar tal blasfêmia. Apenas me contento com a sua existência e com a possibilidade de pessoas lê-lo e refletirem sobre sua função. Vale dizer que ele não se restringe, apenas, aos profissionais da educação, mas às famílias, aos segmentos sociais diversos e aos cidadãos bem-intencionados envolvidos com a melhoria da vida em sociedade.

Não diferente da primeira publicação, os pressupostos teóricos são aqueles que me agradam e suas contribuições resultam não da data de uma edição, de uma fonte, mas do teor e valor agregado ao texto escrito, até porque mudam-se as edições, mas a essência da ideia permanece.

Desse modo, a variedade e variação cronológica das referências comprovam não um desleixo para as edições atuais, mas a certeza na primazia da essência.

A obra é um espaço reflexivo e analítico em Atos. Não se compara a um picadeiro circense [sem preconceito algum à alegria do circo], mas imagino e penso num palco, daqueles sagrados, sob o qual pessoas ilustres têm a honra de se projetar e serem projetadas, onde se encontra o artista envolvido com a Educação: o educador.

Protagonista da arte de formar pessoas humanas, envolvido na logística escolar diária, esse deve ser assessorado por outros profissionais, dentro da dinâmica educativa no sentido de oferecer suporte necessário para que a comunidade escolar ofereça à sociedade agentes de transformação como todos esperam. Assim como Deus!

Para dar tom à leitura, a obra encontra-se sistematicamente organizada a partir de um reconhecimento teórico que envolve discutir esses Atos temáticos de caráter educacional, selecionados pela importância e relevância, com base nos vinte e quatro anos de magistério, com experiência técnica em assessoria de legislação educacional, direção de instituição escolar de educação básica e de nível superior na condição de vice-reitor, do importante conhecimento normativo vivenciado no Conselho Municipal de Educação de Itaperuna, localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, além de um cenário de experiência singular exercida no papel de professor inspetor-escolar, enxergando o ambiente escolar sob a ótica do acompanhamento e avaliação das ações intra e extraescolar.

Espero, portanto, que o leitor aprecie esta proposta e melhore seu olhar sobre o processo educativo sem nuances de política educacional no Brasil e que passe a valorizar, sobretudo, o Ser Humano.

O Autor

1º ATO

REPENSANDO A EDUCAÇÃO EM ATOS

Quando vejo alguns adolescentes conhecidos, sem nenhum entusiasmo pelo estudo, fico a lembrar-me deles crianças, tão vivos, curiosos, inteligentes... e sofro ao pensar no que a Escola e a sociedade fizeram com eles... Pois, pelo menos com estes, aos quais me refiro, tenho certeza que o erro não está em seus lares, onde só têm sido amados, assistidos e incentivados à liberdade, à criatividade e a independência. Até quando os pais não falham, a Escola e a Sociedade conseguem destruir-lhes o trabalho... (TELES, 1992, p. 65)

Educar é uma arte e, portanto, abro a apresentação desta peça de teatro com um sentimento renovado e bastante amadurecido sobre o tema; agora, muito voltado para refletir sobre assuntos de interesse comum e muito tratado sob as nuances técnicas e frias das ações laboratoriais que, para mim, resultam em ações apenas, quando não muito verdadeiras artimanhas a serviço do desserviço social e humanitário.

Trago e me permito trazer à memória uma história contada pela ilustre escritora Ruth Rocha, denominada “As Aventuras do Alvinho” (1984). Ela contemporiza meu tempo e sempre que tenho oportunidade conto nos encontros e palestras proferidos, tecendo algumas analogias cabíveis e possíveis de serem enxergadas no meio educacional, indo muito ao encontro de que Exupéry (2019) afirma na obra *O Pequeno Príncipe* imortalizando o essencial como algo invisível aos olhos.

Conto essa pequena história desta maneira aos meus leitores e ouvintes:

Afinal, Alvinho é um menino corajoso e se predispõe a buscar sua bicicleta no porão da casa da avó. Desce os degraus da escada e se lança em busca daquela que o colocará em contato direto com a felicidade de alçar

passos em roda, no giro constante de quem não se preocupa em pedir licença para passar. Mas, eis que nosso menino retorna aos berros, quase aos prantos, dizendo haver encontrado um monstro no porão.

O pai também presente, chama sua atenção e desce os degraus, de igual modo. Aqui realço a valentia social que se espera de um pai frente aos percalços impostos aos filhos no dia a dia comum. O pai desce a escada e não muito diferente do Alvinho sobe os degraus aos gritos, afirmando existir sim um grande monstro no porão, com uma saliência na cabeça e colocando fogo pelas “ventas” (lembrar que o pai do Alvinho fumava).

A avó observava a tudo e dialogando com os dois, desqualifica a reação, afirmando não existir monstros no porão e vai, seguida pelos dois rapazes corajosos, ao encontro do objeto de desejo do neto. Ocorre que, na metade dos degraus descidos, a avó abre uma pequena janelinha que projetava luz natural para o recinto. Com a invasão da luz natural, todos puderam perceber a existência de um grande espelho, daqueles ovais e que enfeitavam os quartos de troca de roupa ou, mais moderno, os quartos das casas.

O problema é que com o passar dos anos o espelho, outrora coberto por um lençol, encontrava-se entrecoberto e cada um via sua própria imagem distorcida projetada pelo reflexo produzido pelo espelho.

Por analogia e me apropriando do censo filosófico me remeto a pensar: por quantas vezes nos deparamos com essa realidade em nossa vida profissional? Quantas vezes nos deparamos com algo a que atribuímos proporção inconcebível e ao lidar com a situação de modo diferente do que conhecemos acabamos descobrindo que tudo não passava de mero acontecimento, sem muita importância ou peso como estava sendo atribuído?

O destaque para o caso do Alvinho talvez se singularize em peças-chaves caracterizadas pelos três personagens da história, cada qual definindo um marco temporal importante de desenvolvimento, capaz de representar os conceitos teórico-filosóficos de Vygotsky (2007) quando detalha e explica a formação social da mente, quando valoriza a presença do adulto neste processo intrínseco de formação, bem como “[...] sustentava que a criança é capaz de copiar ações que ultrapassam sua própria capacidade, mas com limites. Ao copiar, a criança é capaz de atuar muito melhor quando guiada pelos adultos do que quando trabalha sozinha” (PALMER, 2006, p. 52).

Portanto, é possível enxergar na figura do Alvinho todo esse conjunto de busca, de interesse, de “senões”, de espírito investigativo presente na alma infantil. Vygotsky resumiria tecnicamente, sem maiores problemas, vinculando esta busca-ação ao processo ZPD – Zona de Desenvolvimento Proximal, em que o conhecimento real se dá a partir da constante busca por respostas, definido como conhecimento potencial, ou simplesmente: o que sei e trago de informação que está diretamente relacionado ao que é potencial e eu tenho condição de aprender.

Surge aí a imagem do pai e da avó e constata-se a diferença no universo da experiência do pai: afoito, preso a crenças e credences vaidosas..., em detrimento à imagem da avó que pensa nas ações e que de modo muito consciente se apodera da condição de ensinante e parte a ensinar trazendo a luz para o cenário nebuloso das trevas [marcada pela ignorância humana]. Deste modo, conclui-se que ao aproximar a realidade real do potencial promovemos o conhecimento.

Repensar e discutir a EDUCAÇÃO EM ATOS a partir de uma concepção holística integrada e em que se deve considerar o humano inserido no contexto educacional, e não o contrário parece-me algo ao menos bastante salutar para um momento de transição e mudança da psicosfera terrestre em que o cientista é chamado a pensar a educação não mais como uma lógica matemática cuja lucratividade norteia os passos do representante legal, do dirigente, do professor... Mas, ao contrário, entender o cenário no qual se insere este humano para daí então auxiliá-lo na condução e apoio às potencialidades manifestas nos educandos.

Para Vygotsky (2007, p. 12),

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos.

Aqui, resta a abertura de um parêntese sobre a compreensão e a relação do tema à relevância da abordagem a partir da construção ideológica que recai sobre o educando de Inclusão e as estratégias didático-pedagógicas necessárias à superação desse desafio, quicá instigante. Trata-se de um tema atual muito discutido nas cátedras educativas e bastante controverso quando visto sob uma prática pedagógica descompromissada com a pessoa humana.

Oportunamente, esta obra trará algumas importantes reflexões por meio de Atos, acerca da pessoa do educador em meio a todo esse processo de avaliação e inclusão. Procurará descortinar a realidade educacional no sentido de entender como, aos olhos da sociedade (ignorante), o processo avaliativo desencadeia uma série de ações educativas condicionadoras e que atuando inconscientemente na psique humana alicerçam o desejo do Poder Público de subserviência do povo ignorante.

Para tanto, serão utilizadas algumas passagens históricas do Mestre de Nazaré, maior Pedagogo que a História já pode conceber. Elas oportunizarão um pensar sobre o avaliar, como na emblemática passagem histórica quando são perdoados os nossos “pecados” a partir da avaliação holística configurada sobre nossa ignorância e infantilidade espiritual, com destaque especial para o instante do martírio em que o Messias sofre as consequências dos seus atos, incompreendidos pela humanidade, e roga ao PAI perdão para todos nós – “porque eles não sabem o que fazem” – caracterizando a humanidade na sua imaturidade e infância espiritual.

Assim também deve ser feito para aqueles que, desprovidos dos ensinamentos do Cristo, não se compadecem dos especiais (deficientes e superdotados), excluindo-os de modo sumário.

Repensando a Educação em Atos é uma obra que oportuniza a construção de um pensamento reflexivo pautado em ações que, a priori, suscitam um agir desconecto, mas, ao contrário do que se pensa, preconiza a unidade. Portanto, os atos aqui propostos configuram uma reação reflexiva sobre o papel da avaliação holística no contexto da Educação sistêmica e formalizada.

Deste modo este 1º Ato sugere, nas entrelinhas abertas, refletir sobre o homem histórico, sua trajetória linear no processo cósmico de transformação planetária e ao mesmo tempo em que se volta para a compreensão do valor do processo avaliativo holístico neste conjunto de ações e reações, causas e efeitos capazes de ressignificar atitudes em meio às concepções pedagógicas definidas ao longo dos anos.

“Fostes chamados ao contato de espíritos de naturezas diversas, de caracteres antagônicos: não melindreis a nenhum daqueles com quem vos encontrardes. Estai sempre alegres e contentes, mas com a alegria de uma boa consciência e a ventura do Herdeiro do Céu, que conta os dias que o aproximam de Sua herança.

A virtude não consiste numa aparência severa e lúgubre ou em repelir os prazeres que a condição humana permite. Basta referir todos os vossos atos ao Criador, que vos deu a vida. Basta, ao começar ou acabar uma tarefa, que eleveis o pensamento ao Criador, pedindo-lhe, num impulso da alma, a Sua proteção para executá-la ou a Sua bênção para a obra acabada. Ao fazer qualquer coisa, voltai vosso pensamento à fonte suprema; nada façais sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar os vossos atos.”

Um Espírito Protetor
Bordeaux, 1863

